
Estudo rastreia intervenções no Convivência

Uma pesquisa da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)** busca resgatar o histórico de construção e intervenções no prédio do complexo do Centro de Convivência Cultural, que está interdita à espera de reformas no Cambuí. O estudo tem intenção de reforçar o projeto de restauração. O plano para revitalização, segundo a Secretaria de Cultura, está em fase final de elaboração. **PÁGINA A4**

Divulgação



Vista aérea do prédio onde fica o teatro interno do Centro de Convivência

Jaqueline Harumi
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
| jaqueline.ishikawa@rac.com.br

PATRIMÔNIO III AVALIAÇÃO

Estudo resgata histórico de intervenções no Convivência

Especialista da **Unicamp** “caça” detalhes desconhecidos de mudanças estruturais

Tombado há oito anos e meio pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), o Centro de Convivência Cultural de Campinas é alvo de pesquisa da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, com o objetivo de resgatar histórico de construção e intervenções. O objetivo é reforçar o embasamento do projeto de restauração do complexo, cujo teatro está interditado. O plano de reforma, segundo a Secretaria de Cultura, está em fase final de elaboração.

De acordo com o engenheiro-civil Paulo Eduardo Pires de Almeida, especialista em patologia de estruturas e autor da pesquisa, a maior dificuldade está na falta de documentos básicos da obra e manutenções. “Nós temos aqui um prédio que tem um projeto de 1964. Começou a construir, pa-

Intenção é reforçar o embasamento do plano de restauração

rou e voltou a ser construído de 1973 a 1976. E você já observa, ainda estou no processo de estudo, que o poder público, que contratou o arquiteto lá atrás, quando vai executar depois de um longo tempo já não tem uma boa comunicação. Parte dos elementos que seriam o detalhamento do projeto viram decisão da obra, decisão do prefeito”, disse o engenheiro, que é mestrando do Programa de Pós-Graduação Arquitetura, Tecnologia e Cidade. Conforme Almeida, a situação é muito comum em obras públicas, em especial se há distanciamento entre o projeto e a execução. “Quando você vai levantar o detalhamento, são pouquíssimos que têm.”

O engenheiro afirma que a inauguração ocorreu em 1974, no entanto, de lá para cá, é preciso resgatar o histórico de manutenção e intervenções, que são registradas em um documento. “Tem tudo o que está acontecendo: você tem relato da alteração de projeto, algum problema que houve. É um bom documento que toda obra precisa, muitas vezes as pessoas da construção não observam isso como documento válido ou até não quer aquela informação no futuro, porque pode ter algo que pode comprometer uma meta. É um documento muito difícil de achar e não devo achar, mas a Prefeitura tem muitos funcionários antigos, então pode encontrá-los através do diretor da obra”, detalha.

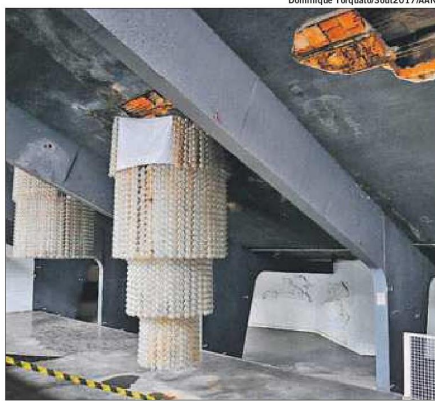
Para o mestrando, a manutenção é outro ponto importante de sua pesquisa, já que aparentemente nunca foi feita. “Numa regra geral a manutenção não faz parte do projeto: uma falha da engenharia no Brasil. O poder público quando manda fazer um prédio não recebe um planejamento de manutenção. Então a manutenção acaba caindo na necessidade do departamento que sobrou com aquela bomba no colo dele. É sempre um emergencial que o cara tem que correr atrás: não consegue planejar”, comenta Almeida, que também lembra a necessidade de preservar o patrimônio.

Tombamento

Segundo o Condephaat, o CCC foi tombado em maio de 2009 por ser “um exemplar da arquitetura modernista que, pelas suas peculiaridades, se articula a uma rede regional de significados culturais, parte da conhecida escola paulista de arquitetura”. “O local também permite a apresentação de espetáculos a uma população mais ampla e de maneira livre, informal e flexível. Além disso, o projeto original do prédio é de autoria do arquiteto Fábio Pentead, personagem de destaque no panorama da arquitetura brasileira.”



Engenheiro-civil Paulo Eduardo Pires de Almeida, especialista em patologia de estruturas, em frente ao prédio do teatro do CCC: “Quando vai ver o detalhamento, são poucos que têm”



Área do teatro interno: imóvel não está comprometido, diz Prefeitura



Espaço onde ficava o antigo Café de La Recoleta, que pode ser reativado

Projeto público prevê fosso de orquestra e café

As principais intervenções que integrarão o projeto de reforma e revitalização do Convivência foram reveladas no início do mês pela Secretaria de Cultura, que promete preservar a ideia original do arquiteto Fábio Pentead e colocar em pleno funcionamento o fosso de orquestra, a qual terá na sala de ensaio a mesma acústica idealizada para o palco, e o café, que por mais de dez anos fez sucesso como Café de La Recoleta. Diante dessa proposta, a cobertura da arena, que chegou a ser cogitada e testada improvisadamente com lona para solucionar o grande problema de infiltração, foi descartada sob alegação de que um sistema de drenagem completo será suficiente. Para execução do projeto, serão necessários ao menos R\$ 40 milhões, valor que deve ser obtido a partir do encerramento do convênio do Teatro de Ópera Carlos Gomes, que seria construído no Parque Ecológico, e do leilão do potencial construtivo. (AAN)

Cultura descarta danos que comprometam estrutura

“Mesmo que não seja aplicado diretamente, acho que é um estudo de caso de concreto interessantíssimo, porque apesar de tudo a estrutura não foi danificada. Com todos os problemas de infiltração por que ele passou ao longo do tempo, não há problema estrutural no Centro de Convivência. Depois de meses e meses de testes para chegar o laudo, a gente recebeu essa informação de que não tem comprometimento”, ressaltou o secretário municipal de Cultura, Ney Carrasco, que afirma receber durante o ano vários pedidos de acesso a prédios públicos para estudos, como a Estação

Cultura, a Lindgerwood e o Palácio dos Azulejos. “Há uma parceria do poder público com os pesquisadores das universidades. Sempre que é solicitado que se tenha acesso a alguma coisa que não é do próprio cotidiano, para que se faça uma pesquisa, a gente cede, orienta, procura ajudar, dar assistência, porque a gente entende a importância da pesquisa acadêmica e o quanto essa nossa autorização pode contribuir para a sociedade como um todo, pelo resultado da pesquisa”, garante. Sobre a falta de documentação do CCC, reconheceu que é um problema “particularmente

sério no que diz respeito aos edifícios históricos”. “Campinas há 50 anos era uma cidade muito menor, muito pequena comparada ao que é hoje. O que acontece? A gente tem um resquício de um momento em que a sociedade era menos burocratizada, então há uns fenômenos curiosos. Há muitos edifícios, por exemplo, que quando vai buscar um registro de cartório, ele não existe”, revela, mencionando o exemplo da Catedral, que não pôde vender o potencial construtivo pela inexistência do título de propriedade. “Todo mundo sabe que a Catedral pertence à Cúria Metropolitana, ninguém

questiona, só que não há escritura.” No caso do Convivência, explica que há plantas, porém não toda a documentação. “Provavelmente isso ficou no escritório do Fábio Pentead e isso é comum. Você tem de repente um arquiteto, um escritório, que faz o projeto, depois você tem uma empresa que ganha a licitação e executa a obra, e essa documentação acaba ficando. É claro que hoje a gente se preocupa em buscar pelo menos uma cópia do documento, mesmo que o original por direito fique com o arquiteto, mas essa é uma preocupação contemporânea.” (JH/AAN)